

## **As disputas e os conflitos no espaço urbano do Centro Histórico de Florianópolis/SC: notas sobre o trabalho informal e a imigração<sup>1</sup>**

Paula Cruz Pimentel<sup>2</sup>

UNIMONTES/Minas Gerais

**Resumo:** Os grupos de imigrantes de vendedores ambulantes presentes no espaço urbano no Centro de Florianópolis/SC têm gerado inúmeras situações de tensões e disputas pelo espaço público entre os catarinenses e os que vêm “de fora”, com isso se torna evidente a relevância de temas que estão ligados ao mundo do trabalho e à ausência de políticas públicas com foco no acolhimento dos imigrantes no Brasil. A situação de vulnerabilidade social que esses trabalhadores enfrentam os empurram para o trabalho informal, principalmente, no contexto de sucessivas crises econômicas globais. Contudo, o fluxo migratório se manteve entre os países emergentes como Colômbia, Venezuela e países africanos, em Florianópolis/SC, esse fluxo se intensificou, no caso do Haiti - país situado geograficamente na América Central e que possui uma instabilidade política, ausência de direitos sociais e políticos. O fenômeno migratório é considerado um “fato social total” e esses deslocamentos acontecem mundialmente. Nesse sentido, realizei algumas entrevistas com migrantes internos e estrangeiros, além de utilizar a plataforma RAIS (Relação Anual de Informações Sociais), como auxílio para a fonte de dados quantitativos no que se refere aos índices de migração, à renda e ao emprego em Florianópolis/SC, com objetivo de mapear a realidade social.

**Palavras-chave:** trabalho, ambulantes, migrações.

### **Notas iniciais sobre o campo pesquisado**

Na cidade de Florianópolis<sup>3</sup>, situada no Estado de Santa Catarina, intensificou-se o fluxo migratório<sup>4</sup>, recebendo cada vez mais imigrantes que se deslocam de seus lugares de origem com a perspectiva de “*melhoria de vida*”, para garantirem seu sustento e de suas famílias, ou até mesmo buscando um lugar tranquilo e seguro com

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022

<sup>2</sup> Cientista social pela Universidade Estadual do Norte Fluminense/UENF, mestra em memória social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO e doutoranda em desenvolvimento social na Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES.

<sup>3</sup> Com população estimada em 516.524 pessoas, segundo fonte do IBGE de 2021. Site: [Florianópolis \(SC\) | Cidades e Estados | IBGE](#), acessado em 16/03/2022.

<sup>4</sup> [Número de novos imigrantes dispara em SC e estrangeiros buscam no Estado recomeço e lar | NSC Total acessado em 15/06/2022.](#)

estabilidade política e econômica para “refazer a vida”. Para tanto, este artigo se dedica a refletir sobre a temática do espaço urbano e do trabalho - o caso do espaço urbano da cidade de Florianópolis/SC - que se configura atualmente com a presença de diversos trabalhadores ambulantes. É nesse contexto que estão presentes alguns dos grupos que se deslocam de várias regiões do Brasil, como: Norte, Nordeste e Sudeste, sendo que alguns deles se deslocam de seu país de origem, - é o caso dos imigrantes oriundos de destinos como: Haiti, Angola, Senegal, Colômbia e Venezuela<sup>5</sup> - esses grupos são ainda mais estigmatizados do que o primeiro grupo, por sofrerem preconceito de cor e origem em uma cidade que tem as suas especificidades em relação à formação histórico-social e econômica que produziu “padrões de convivência racial diversos dos que prevaleceram nas zonas tradicionais” (Cardoso & Ianni 1960, p. XXVI) devido à colonização estrangeira europeia.

O ponto de análise são as situações que se desdobram em um tensionamento dos atores sociais envolvidos - a busca pelo controle desse espaço urbano - sendo um espaço público controlado pelo poder público, como a polícia militar e os agentes da guarda municipal. Desse modo, é mister traçar um panorama das relações de trabalho que têm sido processadas nesse lugar juntamente com os atores envolvido/s nas respectivas tratativas entre os trabalhadores ambulantes, o poder público e as entidades comerciais envolvidas. Essas movimentações geram uma repercussão local na mídia, conforme evidenciado nas reportagens jornalísticas, além disso, mencionarei alguns índices sobre o cenário do trabalho informal no contexto brasileiro com interfaces ao tema das migrações.

Fica evidente o uso recorrente da violência como uma maneira estratégica de poder, de instrumento de coação sob esses grupos de trabalhadores “outsiders” (Elias, 2000). O poder público possui o legítimo poder do uso da violência sob esses grupos que trabalham nesse lugar de memória e identidade catarinense, mas que são inibidos a permanecerem nas ruas, conforme a reportagem do portal de notícias do G1<sup>6</sup> chama atenção para a quantidade de policiais na operação, 130 pessoas envolvidas na força-tarefa, com objetivo de coibir o comércio ilegal<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> [Assistência Social de SC recebe pedido da União para acolher 2,5 mil imigrantes venezuelanos | Santa Catarina | G1 \(globo.com\)](#) acessado em 15/06/2022.

<sup>6</sup> [G1 - Prefeitura de Florianópolis faz operação contra comércio ilegal - notícias em Santa Catarina \(globo.com\)](#)

<sup>7</sup> Segundo a reportagem: “Estiveram no planejamento da ação na manhã desta segunda representantes das secretarias de Segurança, Serviços Públicos, Defesa do Consumidor, bem como as Polícia Civil e Militar, Procon, Receita Federal e o prefeito Gean Loureiro”.

No Brasil, “o setor informal empregava, no final de 2019, algo em torno de 31 milhões de pessoas, um avanço de 14,9% frente aos 27,0 milhões do final de 2012”<sup>8</sup>, esses números demonstram as expressivas transformações do mercado de trabalho, torna-se, portanto, cada vez mais pertinente pensar a informalidade “não como uma “bolha” que flutua à margem do mercado capitalista” (Pinheiro-Machado, 2004, p. 121), mas como parte da estrutura intrínseca do sistema capitalista.

Ao considerar o trabalho informal como parte integrante do sistema capitalista, o conflito aqui se inicia sobre a questão do direito ao trabalho, pois o poder público proíbe os indivíduos de trabalharem por conta própria nesses espaços públicos. Ao mesmo tempo, não propõe uma política assistencial, nem de redistribuição de renda ou geração de emprego, conseqüentemente ampliando as desigualdades sociais ao inviabilizar o direito ao trabalho.

Nesse sentido, busquei investigar a situação social dos que trabalham como vendedores ambulantes nas ruas da cidade, visando suprir a lacuna da investigação socioantropológica sobre o ofício dos que estão à margem da sociedade, por estarem nas ruas exercendo o seu ofício, a rua se configura como um espaço perigoso “é na rua e no mato lugar que vivem os malandros, os marginais e os espíritos, essas entidades com quem nunca se tem relações contratuais precisas” (DaMatta, 1997, p. 93).

É também na rua que está identificado o informal, aqueles que por estarem lá estão expostos a todo tipo de risco, o conceito do sociólogo Norbert Elias (2000) de “*estabishment*”, os estabelecidos, “os locais” aqui estão em oposição aos forasteiros, aos que estão à margem, traz à cena uma reflexão sobre as marcas estigmatizantes que, no caso, esses grupos de trabalhadores carregam. Os estigmas nascem de um sentimento de superioridade, um grupo passa a se sentir superior ao outro, o olhar estigmatizante sob essas classes se configuram de variadas maneiras, como entre aqueles que possuem emprego formal e os que não possuem, os que possuem os seus direitos trabalhistas resguardados perante a lei e os que estão expostos à própria sorte nas ruas. Elias define a superioridade de um grupo em relação aos demais como “as condições em que um grupo consegue lançar um estigma sobre outro, a sociodinâmica da estigmatização, merece certa atenção” (Elias, 2000,p.23).

---

<sup>8</sup> Sobre o crescimento do setor informal (Junior;Olinto;Tobler, 2022) Cf: [A informalidade vista por outra ótica: os dois mundos do mercado de trabalho | Blog do IBRE \(fgv.br\)](#) os autores levaram em consideração os trabalhadores das categorias por conta própria, empregador ou trabalhador familiar auxiliar.

No caso específico da cidade de Florianópolis, os agentes de fiscalização fazem rondas descentralizadas diariamente nas ruas para reprimir o trabalho dos ambulantes informais, a problemática vem sendo pautada pela Câmara Municipal de Florianópolis há anos<sup>9</sup>, existe um projeto intitulado “Floripa legal”<sup>10</sup> com intuito de reprimir esse tipo de trabalho. De acordo com as minhas incursões ao campo investigado, os relatos dos imigrantes são de preocupação e insegurança quando se trata de suas mercadorias compradas com tanta dificuldade, sempre trabalhando com medo e a insegurança de terem as suas mercadorias confiscadas com a justificativa de serem mercadorias “piratas” e contrabandeadas.

Ao caminhar pelo Centro de Florianópolis, no início do mês de dezembro, no dia 06 de dezembro de 2021, às 09:00 da manhã, pude observar uma movimentação diferente; um ritmo mais acelerado de final de ano, era a expectativa das vendas, vendedores ocupando as calçadas por todo o lugar aproveitando a data próxima festiva do Natal, por ser época de maior movimento no comércio, mas alguns dos comerciantes ambulantes que entrevistei reclamavam quando os indaguei sobre as vendas: -“*O movimento está péssimo! Ninguém quer comprar nada!*”<sup>11</sup>. Notei alguns comportamentos de medo e insegurança sobre o que iria acontecer, quando eles estão nas ruas espalhados pelo tecido urbano entre as calçadas e as ruas, eles precisam estar atentos o tempo todo, devido às rondas de fiscalização da Guarda Municipal, para não perderem todas as mercadorias.

Em uma das minhas visitas ao campo, na Rua Conselheiro Mafra, próximo ao Mercado Municipal, avistei um guarda fazendo ronda de moto, então rapidamente alguns ergueram as suas lonas pretas com as suas mercadorias e se retiraram do lugar, essa maneira de agir dos ambulantes faz pensar sobre as suas táticas (Certeau, 2001) de sobrevivência que se utilizam das micros ações engenhosas e ludibriadoras para subverter uma ordem normativa existente na estrutura social, essas situações de “*formas*

---

<sup>9</sup> “Diversos imigrantes, que fazem a venda de produtos nas áreas centrais e balneárias da cidade, manifestaram-se na Tribuna mostrando interesse em trabalhar, porém, devido à falta de oportunidade acabam buscando outras alternativas” 25/05/2018. Trecho extraído da matéria do site: [Câmara Municipal de Florianópolis/SC \(cmf.sc.gov.br\)](http://CâmaraMunicipal.deFlorianópolis/SC(cmf.sc.gov.br)), acessado em 06/07/2022.

<sup>10</sup>“As ações começaram a surtir efeito em janeiro de 2017, quando o prefeito Gean Loureiro (PMDB) assumiu a gestão do município. Desde o lançamento da campanha “Floripa Legal”, que contou com o apoio da entidade, o número de ambulantes ilegais que tomavam conta das ruas, praias e balneários reduziu drasticamente. Foram realizadas mais de 250 operações que resultaram na apreensão de mais de 30 mil produtos falsificados ou de origem duvidosa como relógios, celulares, roupas, calçados, óculos, alimentos, entre outros”, acessado em 06/07/2022. Trecho extraído da matéria jornalística do site: [CDL de Florianópolis e CORE-SC promovem seminário contra o comércio ilegal na Capital - Imprensa - CDL de Florianópolis \(cdlflorianopolis.org.br\)](http://CDL.deFlorianópolis.eCORE-SC.promovem.seminário.contra.o.comércio.ilegal.na.Capital-Imprensa-CDL.deFlorianópolis(cdlflorianopolis.org.br))

<sup>11</sup> Juan, vendedor ambulante haitiano.

*de fazer*” a vida social são repetidas todos os dias, entre olhares de preocupação e alguns gestos marcantes, eles se comunicam entre si e se retiram do local, para depois voltarem aos seus pontos definidos, essas são as formas de “driblar a fiscalização”.

Há um acordo entre eles que mantém o propósito de uma boa convivência, os seus pontos de vendas como as esquinas e as ruas são definidos e organizados, como dizem os dois interlocutores haitianos com quem conversei em campo: - “*Ninguém pode vacilar com os irmãos!*”<sup>12</sup>. Os cinco haitianos que conversei em campo, apesar de ter sentido muita resistência em estabelecer diálogo, por causa das desconfianças de uma possível fiscalização, estão localizados próximo ao Mercado Municipal da cidade. Notei ainda nos discursos um sentimento de pertencimento local muito forte, o que dá coesão ao grupo, eles consideram que: - “*todos aqui são irmãos!, pois somos todos vindos do mesmo lugar: o Haiti, o Brasil é um país muito amigo, nos recebeu de braços abertos!*”<sup>13</sup>.

Com as suas redes estabelecidas nesses circuitos de vendas ambulantes, suas mercadorias em sua maioria são: tênis, meias e roupas como shorts e camisas de marcas Nike e Adidas, as chamadas réplicas. Suas atividades se desenrolam a partir do momento em que eles chegam no espaço público, um apoia o outro na rua, local em que exercem o seu labor, a céu aberto, tanto homens quanto mulheres, das nove da manhã às seis e meia da tarde, enquanto tem movimento eles vão ficando e ocupando as calçadas, resistindo à coerção policial e aos olhares de reprovação dos comerciantes locais formais<sup>14</sup>.

Ao observar essa situação de uma rotina de trabalho nas ruas em um espaço urbano onde o trabalhador, além de ter que lidar com o imprevisível, “*os imponderáveis da vida social*”<sup>15</sup>, está também em permanente luta pela sua subsistência, proponho os seguintes questionamentos: como se dão as negociações de sua permanência nessa cidade? Como se dá o processo de assimilação que vem acontecendo em Florianópolis? Historicamente, sabemos que em algumas outras cidades brasileiras esse processo já está em fase avançada, como São Paulo e Rio de Janeiro, mas nos últimos anos vem se intensificando a fase inicial de assimilação de imigrantes na região Sul do país.

---

<sup>12</sup> Jéssica, vendedora ambulante, seu nome foi alterado.

<sup>13</sup> Davi, vendedor ambulante, seu nome foi alterado.

<sup>14</sup> Aqueles que possuem seu comércio legalizado com pagamento de encargos e tributos.

<sup>15</sup> Termo usado pelo antropólogo Bronislaw Malinowski In: Os argonautas do Pacífico Ocidental (1978) que significam acontecimentos corriqueiros, situações imprevisíveis que acontecem no trabalho de campo, no qual o pesquisador precisa estar atento aos dados e coletá-los.

É fato que o trabalho informal é uma saída para a sobrevivência daqueles que não encontram vagas de emprego, a “reserva” disponível de mão de obra que está fora do mercado de trabalho formal acentua um desequilíbrio o qual o mercado de trabalho não supre a oferta necessária perante a demanda de pessoas desempregadas. Sobre isso, relatam os interlocutores: - *“O trabalho de quem exerce seu ofício nas ruas é doloroso, penoso e árduo, só queremos trabalhar, mas assim fica difícil”*, afirmam Jéssica e Davi<sup>16</sup>.

Assim, o que se revela está para além do conceito de trabalho como uma atividade legal ou ilegal, o que é ser um trabalhador informal imigrante no Brasil e estar trabalhando nas ruas? O Brasil possui uma imagem de ser um país acolhedor e que recebe todos os que vêm “de fora”, mas existe uma ausência de direitos sociais que afeta o grupo de trabalhadores ambulantes.

Se, ao mesmo tempo, os ambulantes estão vivendo o “drama social” nos termos de Victor Turner (2008), em que alguns dos atores sociais aparecem na “arena” política como os repressores do trabalho informal e defensores do comércio local, logo, existe a necessidade de se investigar as relações de trabalho processadas nesse lugar. O trabalho não pode ser categorizado apenas como legal ou ilegal, as migrações, para as esferas administrativas do Estado Brasileiro, tornam-se um problema social no que se refere às políticas públicas assistencialistas de proteção social a partir do momento em que o deslocado entra no país receptor.

Cabe ressaltar que aquele que se desloca é constituído de elementos culturais, de suas redes de sociabilidades, para além do fator econômico, o indivíduo possui um passado e constrói o seu presente; pensar a situação dos migrantes apenas como uma mão de obra móvel seria reduzir a complexidade da vida social. Desse modo, conforme Cavalcanti et al (2019), o indivíduo quando assume o projeto de migrar está buscando um projeto pessoal e profissional, nós, como pesquisadores, devemos “mapear e reconstruir” a maneira como os indivíduos agem nessa “reconstrução de suas trajetórias e tecem as suas redes” (Cavalcanti et al 2019, p. 172), tal discussão é indispensável para a compreensão do fenômeno social.

É nesse sentido de análise dos conflitos que coloco em destaque as ações dos atores sociais que estão vivenciando o “drama social” (Turner, 2008), conceito elaborado pelo antropólogo britânico da Escola de Manchester Victor Turner. Quando os atores se movimentam, é possível notar a importância da análise dos processos

---

<sup>16</sup> Os nomes foram alterados.

sociais humanos em andamento com uma perspectiva fundada no “coeficiente humanístico”, daí a importância de buscar compreender as relações que se articulam, as histórias que se desdobram, com a finalidade de analisar os fenômenos sociais, neste caso, o da migração.

### **Breve análise de dados da plataforma RAIS (Relação Anual de Informações Sociais): um panorama sobre imigração no Brasil e trabalho**

Os dados quantitativos apresentados foram extraídos do relatório RAIS - Relação Anual de Informações Sociais<sup>17</sup>, intitulado: “*A inserção socioeconômica dos imigrantes no mercado de trabalho formal*”, que está disponível no portal da imigração. Os dados trazem um panorama sobre a condição empregatícia dos imigrantes, no período de 2010 a 2018. Dessa forma, os dados também demonstram as mudanças das ondas migratórias pelas regiões do país.

TABELA 01 - Número absoluto e relativo de trabalhadores imigrantes no mercado formal de trabalho brasileiro Brasil e continentes – 2010 a 2018

Ano	Total		África		América do Norte		América Latina		Ásia		Europa		Outros	
	(n. abs)	(%)	(n. abs)	(%)	(n. abs)	(%)	(n. abs)	(%)	(n. abs)	(%)	(n. abs)	(%)	(n. abs)	(%)
2010	55.148	100	388	0,7	2.024	3,7	19.037	34,5	4.339	7,9	16.958	30,7	12.402	22,5
2011	62.423	100	927	1,5	2.472	4,0	24.700	39,6	6.500	10,4	19.091	30,6	8.733	14,0
2012	72.852	100	1.478	2,0	2.759	3,8	31.631	43,4	6.790	9,3	21.129	29,0	9.065	12,4
2013	92.011	100	2.521	2,7	2.857	3,1	45.543	49,5	8.146	8,9	23.085	25,1	9.859	10,7
2014	116.375	100	5.318	4,6	2.876	2,5	63.690	54,7	10.722	9,2	23.759	20,4	10.010	8,6
2015	127.879	100	6.796	5,3	2.619	2,0	74.966	58,6	11.283	8,8	22.592	17,7	9.623	7,5
2016	113.295	100	7.011	6,2	2.248	2,0	65.422	57,7	9.967	8,8	19.874	17,5	8.773	7,7
2017	122.658	100	7.360	6,0	2.125	1,7	76.698	62,5	8.553	7,0	17.754	14,5	10.168	8,3
2018	136.329	100	7.860	5,8	2.085	1,5	92.406	67,8	8.444	6,2	16.247	11,9	9.287	6,8

Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Ministério da Economia, base harmonizada RAIS-CTPS estoque, 2010-2018. Nota: A categoria “Outros” inclui a Oceania e os registros de migrantes não especificados por continentes.

Ao analisar os dados, observa-se um aumento crescente desses trabalhadores no mercado de trabalho formal brasileiro, entre os anos de 2010 a 2018, sobretudo, no que diz respeito aos imigrantes advindos de países africanos e latinos. Segundo o relatório RAIS, sobre os dados de imigração em 2010, o maior número de imigrantes se concentravam na região sudeste, mas no ano de 2018 acontece uma queda do número absoluto, ao passo que na região Sul do país notou-se um aumento do número de imigrantes empregados no mercado de trabalho, conforme o relatório:

Com essa nova dinâmica, o estado de São Paulo, que em 2010 concentrava 48,5% do total de trabalhadores imigrantes, passou a responder por 33,5 % em 2018, ao passo que Paraná e Santa Catarina passaram de, respectivamente, 6,5% e 4,6% para 13,4% e 15,6% (SIMÕES; HALLAK; CAVALCANTI et al, 2019, p.12)

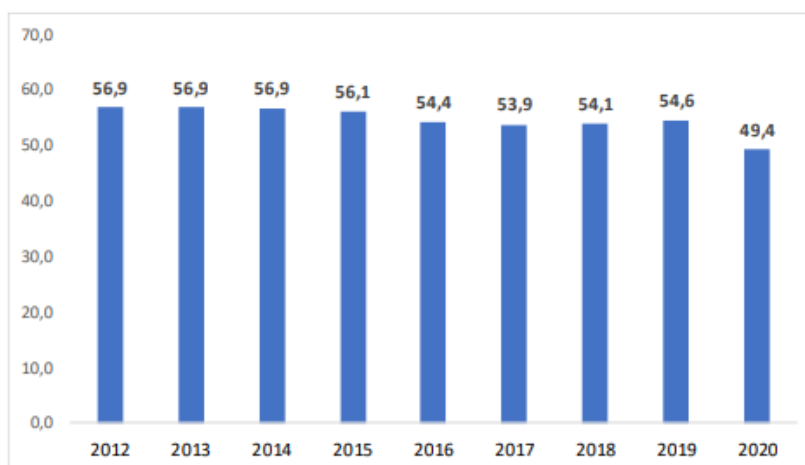
<sup>17</sup> [Relatório\\_RAIS.pdf \(mj.gov.br\)](#)

No entanto, é interessante observar a conclusão do relatório RAIS, que ressaltou uma crescente participação efetiva da mão de obra latino-americana, mas, sobretudo, haitiana no mercado de trabalho brasileiro. Destacou também uma transformação do perfil do imigrante entre 2010 a 2018, em relação à sua qualificação, escolaridade e faixa etária, essas mudanças nas variáveis pesquisadas se refletiram no rendimento médio desses imigrantes, por esses ocuparem postos de trabalho menos qualificados, o que resultou em um novo perfil que se configurou, segundo o relatório, foi de uma mão de obra mais jovem e menos qualificada presente na região Sul, mais intensamente a partir do ano de 2018.

Com a finalidade de compreender o universo do trabalho no Brasil, recorri ao relatório de pesquisa PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua<sup>18</sup> (2012-2020), um dos indicadores do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - concluindo que o trabalho informal cresce mais que os postos de carteira assinada no período anual 2012 - 2020.

Na tabela abaixo, notamos uma queda do número anual de ocupação que vinha sendo estabilizada (2012 a 2014), com o número de 56,9. Logo, em 2014 houve uma queda significativa se comparado ao ano de 2015, com a ocorrência da queda de 0,8 pontos, para depois, no ano do impeachment da Presidenta Dilma Rousseff, em 2016. Se comparado com o ano anterior de 2015, aconteceu novamente uma queda de 1,7 pontos, o que demonstra uma crise política, que se refletiu na economia do país e até hoje não foi superada, tendo em vista que o ano de 2020 foi o pior número (com 49,4) para o mercado de trabalho, devido à situação de crise pandêmica do Covid- 19.

Tabela 02 - Nível da Ocupação - Brasil - média anual (%)



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua<sup>19</sup>

<sup>18</sup> [PNAD\\_continua\\_retrospectiva\\_2012\\_2020.pdf \(ibge.gov.br\)](#)

<sup>19</sup> [PNAD\\_continua\\_retrospectiva\\_2012\\_2020.pdf \(ibge.gov.br\)](#)



Desse modo, configuraram-se até os dias atuais reflexos das consequências do cenário de crise econômica de 2020, a qual os trabalhadores informais tiveram que recorrer, até certo período, ao programa assistencial do “auxílio emergencial”<sup>20</sup> - articulado pelo Congresso Nacional e pelo Poder Executivo - o benefício consistiu em um programa assistencial sancionado, posteriormente, pelo Governo Federal<sup>21</sup> com objetivo de oferecer um auxílio emergencial para os mais vulneráveis durante a pandemia, isso incluía os trabalhadores informais que não puderam exercer as suas atividades devido à emergência sanitária que foi o isolamento social e os desempregados que perderam seus postos de trabalho devido à falência de empresas. A pauta do auxílio fez ressurgir o debate público sobre o tema do trabalho informal no Brasil para a equipe econômica do Presidente Jair Bolsonaro, o que chamou atenção foi o número de brasileiros que não conseguiram retirar o auxílio, superando o que estava previsto no orçamento público, estes foram chamados de “os invisíveis”<sup>22</sup> pelo ministro da economia Paulo Guedes.

Contudo, a pandemia acabou colocando uma lente de aumento na desigualdade brasileira, repercutindo em manchetes nacionais e internacionais os casos de extrema pobreza, como a procura dos brasileiros pela antiga prática de venda de ossos em supermercados e açougues<sup>23</sup>, tais medidas extremas que as famílias mais pobres encontraram para reagir à alta dos preços, principalmente da carne, um dos itens básicos na alimentação do brasileiro.

Conclui-se que o mercado de trabalho informal, dos informais que “*tentam se virar como podem*” sempre foi expressivo, no caso brasileiro.

### **O trabalho informal ocupando ruas, calçadas e praças: o trabalhador indesejável na cidade.**

As migrações constituem deslocamentos de indivíduos que são, muitas vezes, motivados a fazerem movimentos de mobilidade devido à lógica dos mercados econômicos globais. O perfil dos imigrantes de origem africana na cidade de

---

<sup>20</sup> [Aprovado pelo Congresso, auxílio emergencial deu dignidade a cidadãos durante a pandemia — Senado Notícias.](#)

<sup>21</sup> Inicialmente o governo havia estipulado que o valor do auxílio seria de 200 reais, mas acabou sendo pressionado pelo Congresso e sancionou a lei 13.982 com o auxílio emergencial de 600 reais, em 02/04/2020.

<sup>22</sup> [Auxílio emergencial: Os pobres invisíveis "descobertos" na pandemia \(uol.com.br\)](#)

<sup>23</sup> [Açougues e mercados podem vender ossos de boi? Entenda a polêmica sobre a placa em SC | Santa Catarina | G1 \(globo.com\)](#)  
[Fila para conseguir doação de ossos é flagrante da luta de famílias brasileiras contra a fome | Fantástico | G1 \(globo.com\)](#)

Florianópolis, entre os anos de 2015 a 2017, apresentou um panorama no estudo baseado em pesquisa de método qualitativa e quantitativa que foi realizado pelo “*Projeto de Extensão Núcleo de Apoio a Imigrantes e Refugiados*”, da Universidade Federal de Santa Catarina, em parceria com a “*Pastoral do Migrante*”, concluindo:

A análise realizada neste estudo revela que, sob o prisma das demandas atendidas no interstício 2015-2017 os imigrantes africanos em Florianópolis e região são provenientes de 16 países, em termos quantitativos, 58,4% possuem, no mínimo, o nível médio completo, a maioria esmagadora é de homens jovens (20 e 39 anos), 71,5% são refugiados ou solicitantes de refúgio, e 62,9% procuram o NAIR-Eirenê/Pastoral para regularização migratória (SILVA e tal, 2018, p. 289).

Esses dados demonstram que Florianópolis/SC tem sido um destino recorrente entre os refugiados de vários países, e ao chegarem à cidade alguns imigrantes buscam a ajuda do núcleo de apoio a imigrantes e refugiados, parceria feita pela Universidade Federal do Estado de Santa Catarina (UFSC) e a Pastoral - criada em março de 2019<sup>24</sup>. Tendo em vista que essa parceria é muito recente, iniciativas como essa são essenciais para a luta pelos direitos sociais e destaca a lacuna de políticas de acolhimento aos imigrantes, tanto por parte do Governo Estadual quanto do Governo Municipal, visto que há um desinteresse dos gestores municipais em realizar esse tipo de levantamento de perfil imigratório, os dados são essenciais para a construção e implementação de políticas públicas que promovam a geração de trabalho e renda. Dentre essas iniciativas, de acolhimento destaco: “*A Casa do Migrante Scalabrini*”<sup>25</sup> - uma iniciativa não governamental que dá o suporte de acolhida aos imigrantes venezuelanos que chegam à cidade de Florianópolis, a entidade é gerenciada pelo “*Serviço Pastoral dos Migrantes de Santa Catarina*” (SPM-SC), em parceria com a “*Organização Internacional para as Migrações*” (OIM), prestam serviço de apoio educacional e inserção no mercado de trabalho aos migrantes por um período de três meses, também trata-se de uma parceria recente, com início em 2018.

Com a pandemia do Covid-19, no ano de 2020, a situação de vulnerabilidade social cresceu entre os imigrantes, devido ao isolamento social muitos perderam os seus empregos<sup>26</sup>. Com isso, muitos trabalhadores tiveram que “se virar por conta própria”,

<sup>24</sup> As atividades da Pastoral do Migrante, no Estado de Santa Catarina, iniciou em março de 2019, link de acesso: [Sobre nós | Serviço Pastoral dos Migrantes de Santa Catarina \(SPM-SC\)](#), acessado em 07/07/2022.

<sup>25</sup> [Casa do Migrante em Santa Catarina recebe refugiados e migrantes venezuelanos | OIM Brasil \(iom.int\)](#) acessado em 08/06/2022.

<sup>26</sup> [Imigrantes em Florianópolis relatam dificuldades e perda de emprego durante quarentena | Santa Catarina | G1 \(globo.com\)](#), site acessado em 08/06/2022

ocorrendo um aumento significativo do trabalho informal, ou do fenômeno de “*autonomização do trabalho*”<sup>27</sup>. Quando pensamos o trabalho como renda, sobretudo do grupo dos informais, o qual este artigo trata, a questão do controle e a fiscalização desse espaço urbano revelam um âmbito público controlado pela Polícia Militar e pelos agentes da Guarda Municipal que, em muitas situações, são utilizados métodos de coação violenta, de maneira estratégica, como instrumento de repressão às atividades desempenhadas por esses grupos de trabalhadores. Os trabalhadores informais sofrem represálias não apenas em seu local de trabalho, mas também em suas casas, uma de minhas interlocutoras, a colombiana Dara<sup>28</sup>, de 57 anos, descreveu-me uma situação que aconteceu em seu bairro, no Monte Serrat, uma das comunidades mais carentes, localizada na região central de Florianópolis, conta ela:

Há um ano atrás, mais ou menos, bateu a polícia federal aqui perto de casa, onde moram os haitianos e levaram todas as mercadorias dos haitianos, ainda levaram presos; eles todos! Por causa das mercadorias ilegais, porque não pagavam impostos. O que se comentou aqui no bairro é que foi feito por alguém uma denúncia anônima e os federais apareceram. Foi uma gritaria e choradeira da mulherada! Coisa triste! Eles precisam trabalhar! Eu mesma, preciso e fui atrás pra fazer algo pra vender, porque preciso! Queria na época uma licença pra fazer, fui pra Rua Rio Branco, me indicaram o local que faziam as inscrições, perto do supermercado Angeloni, existe uma inscrição, mas tinha muita gente na frente. É uma dificuldade em Florianópolis para conseguir a licença, para poder vender uma comida na rua, um café, eu queria uma licença pra isso, mas é bem difícil!<sup>29</sup>

Se por um lado, não se articulam políticas de geração de trabalho formal e renda, por outro lado, apresenta-se um mecanismo de combate ao trabalho informal, em que os grupos de trabalhadores migrantes são tratados de maneira violenta, como “os indesejáveis e inempregáveis” (Castel, 2010).

A figura do migrante desejável para os governos e os gestores públicos brasileiros pode nos apontar, como exemplo, o caso atual do Estado do Paraná, o Estado vem recebendo de forma acolhedora os refugiados de guerra de origem europeia: os ucranianos<sup>30</sup>, descrevo aqui essa relação antagonica para ilustrar o tema das migrações como um campo laborioso que perpassa por outras problemáticas como o da questão racial e de origem mas, que neste momento, não vou me debruçar.

---

<sup>27</sup> O espírito neoliberal resultou em um crescimento do trabalho autônomo, com a crise brasileira o fenômeno da uberização do trabalho

<sup>28</sup> Os nomes dos interlocutores foram alterados.

<sup>29</sup> Dara, 57 anos, colombiana, em entrevista concedida, atualmente trabalha como cuidadora e costureira sem ter a carteira assinada.

<sup>30</sup> [Paraná recebe 29 refugiados da guerra na Ucrânia e cria força-tarefa com serviços de apoio | Agência Estadual de Notícias \(aen.pr.gov.br\)](https://www.aen.pr.gov.br/parana-recebe-29-refugiados-da-guerra-na-ucrania-e-cria-forca-tarefa-com-servicos-de-apoio), site acessado em 16/03/2022.

Em março de 2022 assistimos os imigrantes europeus ucranianos sendo bem acolhidos pelo Estado do Paraná<sup>31</sup>, na mesma região Sul do país os imigrantes que possuem origem de outros países - não europeus - são hostilizados e reprimidos pelas entidades comerciais (como a CDL) e pelo aparato policial, um caso de legítimo uso do poder e da violência sob esses grupos de trabalhadores informais que, nesse contexto, defino como os trabalhadores “de fora” , os “outsiders” (Elias, 2000), aqueles que estão à margem da sociedade.

Esses casos citados demonstram a invalidade do conceito de uma “democracia racial” (Freyre, 2001) brasileira, que repercute até os dias atuais, quando na prática há um preconceito velado que se configura na sociedade brasileira, os grupos mais vulneráveis da sociedade carregam uma marca que os diferenciam dos outros, como: os imigrantes, desempregados, inválidos, idosos, trabalhadores informais ambulantes, camelôs, aqueles que são vagantes pedintes, mendigos<sup>32</sup>, os que são considerados “não produtivos”, pois não geram “riquezas” e muito menos fornecem a sua mão de obra para o mercado de trabalho formal, sobre as relações de trabalho que foram se construindo ao longo da história da humanidade, sobretudo, na Europa, o sociólogo francês Robert Castel (2010) revelou aspectos sociológicos sobre a situação do estrangeiro na sociedade, estes não possuem vínculos sociais e ao chegarem de seus lugares de origem não possuem redes de proteção que possam protegê-los minimamente, como as suas necessidades vitais de sobrevivência. Castel explica, que, principalmente, se assumirem atividades laborais, como postos de subempregos, isso irá imediatamente desqualificá-los, podendo provocar uma ruptura com as “regras comuns” (Castel 2010, p.130) naquela sociedade em que estão inseridos.

Os trabalhadores ambulantes, nesse sentido, quebram as regras normativas da sociedade catarinense, pois o trabalho que eles exercem não está enclausurado em uma fábrica ou escritório, está na rua e é móvel, além de possuir variações de temporalidades de dias, horas e localidades, há um caráter de mobilidade incontrolável em seu trabalho, por isso ele é duplamente considerado um ser à margem pelos estabelecidos, conforme Simmel, o estrangeiro é visto pelos demais como uma pessoa móvel, que apesar de entrar em contato com elementos do grupo ela “não está organicamente ligada com

---

<sup>31</sup> [Refugiados ucranianos que saíram do país por causa da guerra chegam ao Paraná: 'Questão humanitária' | Paraná | G1 \(globo.com\), acessado em 07/07/2022.](#)

<sup>32</sup> Considero que a posição social dos trabalhadores citados se encontram todos à margem da sociedade cf: Introduction a la sociologie du vagabondage, Alexandre Vexliard (1956).

qualquer deles por laços estabelecidos de parentesco, localidade e ocupação”. (Simmel, 2005, p. 184).

Assim, o fenômeno social do deslocamento deve ser interpretado através dos discursos dos atores sociais que estão envolvidos nos dramas sociais; dos discursos xenofóbicos; de ódio ao estrangeiro, que são vistos sob um olhar hostil como “invasores” do espaço físico da cidade, de sua anulação da identidade social, do não reconhecimento perante o “Outro”, da anulação de sua capacidade cognitiva e da anulação da sua formação educacional em seu país de origem. Dessa forma, Pierre Bourdieu (1998) destaca o lugar do imigrante na sociedade:

Deslocado, no sentido de incongruente e de importuno, ele suscita o embaraço; e a dificuldade que se experimenta em pensá-lo - até na ciência, que muitas vezes adota, sem sabê-lo, os pressupostos ou as omissões da vida oficial - apenas reproduz o embaraço que sua inexistência incômoda cria. Incômodo em todo lugar, e doravante tanto em sua sociedade de origem quanto em sua sociedade receptora, ele obriga a repensar completamente a questão dos fundamentos legítimos da cidadania e da relação entre o Estado e a Nação ou a nacionalidade (Bourdieu in Sayad, 1998, p. 11).

Na visão do sociólogo francês Pierre Bourdieu, o imigrante não pode ser tratado apenas como um problema de ordem econômica para os países que os recebem, mas também como uma questão sociológica do lugar do imigrante e a sua invisibilidade perante a sua nacionalidade que produz um lugar de ausência cidadã. Nesse ponto, seguindo a linha de raciocínio de Bourdieu, pode-se afirmar que em alguns casos, de estrangeiros que são recém-chegados, são enormes as dificuldades encontradas com o processo burocrático da retirada de alguns documentos que são primordiais para a participação da vida em sociedade e para estar inserido nela de maneira digna, tendo acesso à educação, ao trabalho e à participação política.

Minha interlocutora Dara, nascida na Colômbia, me relatou que antes de chegar no Estado de Santa Catarina, ela passou pela Venezuela, mas não se adaptou no país pela dificuldade de acesso à educação e à assistência médica. Ao chegar na Venezuela, ela não conseguiu matricular os netos na escola, ficaram um ano sem frequentar o colégio por falta de documentação. Sua escolha pelo Brasil se deu por motivo de doença na família, avisada por amigos que no Brasil existe um Sistema Único de Saúde - SUS - bastante estruturado, a família então decide se mudar para Florianópolis.

As interlocutoras Michele e Sara, ambas imigrantes do Haiti, trabalhadoras ambulantes, com ponto localizado próximo ao Mercado Municipal, me relataram em

entrevista que vieram por já ter “*gente delas*” no Estado, por isso as redes estabelecidas no Brasil são importantes para aqueles que pensam em migrar pro Brasil. A migração, nesse caso, tem a capacidade de se realizar por meio de associações, o suporte necessário se dá por meio de relações de sociabilidade, de confiança. Ambas as entrevistadas vieram em busca de trabalho, segurança, uma educação pública para os filhos e um sistema de saúde público. Ou seja, um Estado de proteção social que não existe no Haiti.

Ao chegarem no Sul do país os imigrantes de origem africana, ou haitiana, lidam com o preconceito racial velado na sociedade brasileira. Um caso que repercutiu na imprensa local foi o caso de violência e xenofobia no ano de 2019, no centro de Florianópolis<sup>33</sup>, para situar o leitor dos crescentes casos de violência que estão acontecendo com os imigrantes no Brasil e estão cada vez mais frequentes nas grandes cidades. No caso de Florianópolis, o senegalês Ousmane Hanne, imigrante em situação legal no Brasil, foi preso e teve suas mercadorias confiscadas por dez homens da Guarda Municipal no centro da cidade. Esse acontecimento repercutiu e teve consequências nos vários movimentos sociais que se mobilizaram em sua pauta pela defesa dos direitos constitucionais e pela democracia. No entanto, o que chamou atenção foi a forma violenta que abordaram Ousmane, o número de homens, e a maneira com que o renderam, levando-o no camburão algemado, apenas por estar vendendo as suas mercadorias “piratas” (camisetas e bermudas) na Rua Álvaro de Carvalho.

Na ocasião, foi dito pelos guardas que Ousmane havia resistido à prisão e foi preso por desacato e por ter reagido com violência, porém os vídeos realizados pelos transeuntes evidenciaram que na abordagem feita pelos guardas quem havia sido agredido era o senegalês Ousmane.

O filósofo alemão Georg Simmel em sua obra “*As Grandes Cidades e a Vida do Espírito*” (1903), retratou o espaço urbano como um ambiente que estimula os sentidos nervosos, aquilo que o autor definiu como “caráter blasé”, a indiferença diante de tudo e de todos. Neste caso, a indiferença aqui representa a maneira como aquele que vem “de fora” é tratado pelos estabelecidos, o corpo do imigrante presente no espaço urbano é ignorado e combatido por inúmeras maneiras com objetivo de “higienizar” os espaços urbanos ignorando a sua cidadania.

### **Alguns resultados iniciais**

---

<sup>33</sup> Prisão abusiva de imigrante africano faz do Centro de Florianópolis praça de guerra | Jornalistas Livres, acessado em 17/03/2022

Constata-se que as grandes intervenções nos Centros urbanos das cidades despertam um aspecto conflituoso que as intervenções podem provocar para os cidadãos, aspectos higienistas de varrer os indivíduos indesejáveis dos espaços urbanos. A urbanista Jane Jacobs (2011) teceu críticas aos projetos urbanísticos que modelam a cidade com um olhar alegórico voltado para o consumo, abstendo-se assim dos importantes elementos da vida social dos indivíduos, muitos grupos são extintos e marginalizados, assim como a classe dos vendedores ambulantes, em várias cidades brasileiras, têm que lidar com a violência policial para poderem continuar resistindo nesses espaços públicos e exercerem o seu trabalho, visto como uma atividade ilícita e proibida. Devemos mencionar que os corpos dos imigrantes ambulantes presentes no Centro de Florianópolis, é indesejável, o poder público nega-o ao direito ao trabalho. A cidade, nessa perspectiva, é hostil à diversidade, aquilo que se caracteriza de comércio “ilegal”, visto em outras cidades grandes com certa normalidade, como Rio de Janeiro e São Paulo, é notável que em Florianópolis o comércio do Centro é voltado para o mercado turístico, o que resulta em uma ausência de lugares mais populares<sup>34</sup>, como barracas e vendas armadas nas calçadas das ruas, quando comparado às outras cidades brasileiras.

As práticas comerciais dos que são considerados “ilegais” gera um incômodo aos usuários desse espaço, pois a cidade tem um histórico de políticas urbanas higienistas que esteticamente priorizam a não poluição visual desse tipo de comércio. Em outras palavras, há o ocultamento das mazelas de toda cidade grande e uma indiferença com a questão social, no que diz respeito aos vagantes pedintes, mendigos, moradores de rua e consumidores de drogas, estes devem ser retirados do espaço. Um exemplo dessa prática hostil são as placas que ficam penduradas pelo centro histórico com o aviso: - *“Não dê esmola, dê oportunidade!”*<sup>35</sup>, o mais contraditório é perceber que os trabalhadores informais buscam exatamente oportunidades de se inserirem na sociedade como trabalhadores e mesmo assim recebem o tratamento hostil e violento do poder público.

Os corpos dos que representam, ou evocam uma miséria urbana, quando estão presentes nos espaços públicos causam um desconforto social coletivo. É perceptível

---

<sup>34</sup> Refiro-me a comércios populares àqueles lugares ou espaços públicos que comportam um comércio informal já estabelecido, frequentados pela classe trabalhadora, com preços acessíveis, lugares em que é possível tomar um café rápido ou comer um lanche.

<sup>35</sup> Campanha CDL Florianópolis/SC, link de acesso: [Não dê esmola, dê oportunidade](http://nao.de.esmola.de.opportunidade) - - CDL de Florianópolis ([cdlflorianopolis.org.br](http://cdlflorianopolis.org.br)) Acessado em 29/03/2022.

uma organização socioespacial da cidade de Florianópolis em que a miséria deve ser contida nos morros, como os bolsões da pobreza nas comunidades ao redor ou tudo aquilo que lembrar e remeter a ela. Por essas questões, o mundo social dos ditos “ilegais” é um universo carregado de estigmas e à margem do que é considerado um trabalho digno por estarem sempre nas calçadas “tumultuando”, ocupando o espaço público, além de ser uma categoria de trabalhadores que são vistos como uma ameaça para o comércio local e para o Município, pois não pagam imposto para a Prefeitura, não possuem a permissão de trabalho e são vistos como concorrentes ilegais.

Assim, a cidade vai se modificando como um organismo vivo, as suas práticas sociais e as suas estruturas culturais também modificam, cabe-nos perguntar: como esses trabalhadores se inserem neste espaço de sociabilidades estabelecidas por esses grupos de trabalhadores imigrantes, com os demais atores sociais? A cidade de Florianópolis se apresenta no imaginário social daqueles que vêm de outros lugares como um “*lugar de oportunidades*”, mas as vivências e as experiências conflituosas entre os vendedores ambulantes e os catarinenses, usuários desse espaço frequentemente noticiadas pela mídia local<sup>36</sup>, é um território de disputas e conflitos, no qual as histórias dos migrantes aparecem em meio ao contexto tensionado, suas preocupações, sua maneira de lidar com os imprevistos e o seu ethos de imigrante se deparam com regras institucionais já estabelecidas.

O discurso de entidades do comércio como a Câmara Dirigente dos Varejistas (CDL) e das instituições de segurança pública, como a Guarda Municipal, vêm pautando o tema dos vendedores ambulantes como uma questão jurídica, assumindo um discurso de combate à pirataria e à concorrência prejudicial aos demais comerciantes<sup>37</sup>. Nesse ponto, o que chama a atenção para reflexão desses grupos é a questão do direito à cidade, mais do que isso, o direito à vida urbana (Lefebvre, 2006). O que está em jogo são os usos da cidade na perspectiva de quem vem “de fora” e são expulsos diariamente dos espaços centrais por aqueles que “regulam” as práticas sociais dos usos e dos modos de habitar o meio e de proibir algumas atividades laborais. Nesse caso, indago qual seria o lugar do trabalhador informal na cidade? Essa “rejeição” ao trabalho informal seria uma questão apenas de proteção da economia local? Se todos os comerciantes, sendo

---

<sup>36</sup> [Decisão judicial que indenizou imigrante senegalês rende polêmica em Florianópolis | ND Mais](#)

<sup>37</sup> “Segundo a entidade (CDL), os empresários estão otimistas com o movimento de final de ano. Entretanto, observa os recorrentes problemas, a exemplo dos ambulantes ilegais, que acabam tirando a tranquilidade do comércio”. Trecho extraído da matéria jornalística do site: [Lojistas pedem mais fiscalização do comércio clandestino em Florianópolis | ND Mais](#), acessado em 06/07/2022.



eles ilegais ou legais, vendem a mesma mercadoria de origem chinesa ou paraguaia, o que define ser um trabalhador ilegal? Qual o processo burocrático que lhe é imposto para se transformar em um trabalhador legal?

A cidade também é uma unidade econômica e está organizada socialmente pela divisão do trabalho, no caso particular de Florianópolis, que recebe muitos imigrantes em busca de trabalho, os comerciantes locais enfrentam ainda a concorrência com os comerciantes informais. Esses estendem seus produtos nas calçadas, o que caracteriza uma prática ilegal aos olhos da fiscalização, os comerciantes informais são em sua maioria imigrantes que tentam se inserir no mercado de trabalho, cada vez mais competitivo e excludente.

O centro comercial é composto por diversas lojas de ruas, mas também pelo camelô, que deveria ter preços mais acessíveis aos consumidores, mas que na prática possuem preços altos que são competitivos com a oferta e a demanda local. O centro também possui o mercado público tradicional que possui uma diversidade de lojas: lojas de sapatos, lembrancinhas da cidade e uma ala composta pelas peixarias. É interessante ressaltar que a parte aberta do mercado público da cidade é composta por vários bares e restaurantes que se tornou um espaço frequentado por turistas, após a sua reforma, por ser um prédio histórico preservado, o que no passado era um lugar frequentado mais pelos trabalhadores com preços acessíveis acabou se tornando um lugar bastante elitizado, incluído na rota dos passeios turísticos. Além de ter que competir com o mercado informal, os comerciantes locais competem entre si, mas também com as grandes empresas transnacionais departamentais que se estabeleceram no centro, mas que também estão presentes nos *shoppings centers*.

Ao pensar nessas hipóteses, os ambulantes possuem suas demandas que não são atendidas pelo poder público como o direito ao trabalho. Muitos são coagidos a não atuarem com as suas atividades de comércio nesse espaço, como me relatou uma de minhas interlocutoras, Renata, 38 anos, que migrou do Estado da Paraíba para Santa Catarina, em relação à tensão entre os vendedores informais e a Prefeitura de Florianópolis:

A Prefeitura da cidade pensa que é o dono de tudo, de todo o espaço, mas quem movimenta a cidade somos nós! Quem traz alegria para as pessoas? Somos nós! A gente leva alegria às pessoas, que no final do dia vêm no nosso carrinho comer churros, um doce colorido. Os comerciantes informais, muitos não possuem alvará de funcionamento, porque eles dificultam tudo, o

edital é confuso e não querem nem nos receber no gabinete para tirar nossas dúvidas<sup>38</sup>.

A interlocutora Renata, de 38 anos, paraibana, possui um carrinho de churros e trabalha todos os dias, ela me descreveu que a rotina dos trabalhadores tem sido difícil, até mesmo a organização dessa classe trabalhadora dos “informais” possui dificuldades para que as suas reivindicações sejam ouvidas. No mesmo grupo, existem muitos interesses pessoais e, por isso, a classe não adquiriu força representativa, segundo Renata. Além disso, o poder público municipal não tem nenhuma política social com objetivo de melhorar a situação dos trabalhadores, que são coagidos a saírem desse espaço por meio do uso da repressão policial.

A interlocutora tem uma posição muito crítica em relação às intervenções de fiscalização desse espaço e traz uma reflexão sobre as experiências dos usos da cidade, das sensações no sentido de vivências e momentos de lazer, pois é no final do dia que os transeuntes, após cumprirem a sua jornada de trabalho, usufruem da cidade, do que ela oferece, seja nos bares, restaurantes ou em comércios informais, como o churrasquinho em frente ao TICEN - Terminal de Integração do Centro e o carrinho de churros. Há uma ocupação das calçadas e das praças no final da rotina de trabalho, é no circuito de passagem de volta pra casa que os cidadãos interagem mais com os espaços públicos, ao circularem pela cidade sem pressa.

Quando perguntei sobre a organização da classe trabalhadora a Renata, minha dúvida era se havia um líder entre eles, para uma representação perante os atores políticos sobre as demandas necessárias de proteção social dos “informais”, a interlocutora me respondeu que existia um líder, mas que ele havia se corrompido e se envolvido com os interesses dos que fazem valer as regras do Município, nesse caso, figuras políticas da cidade, vereadores.

Dessa maneira, os trabalhadores ambulantes, sejam eles vindos de outros países ou de outras regiões do Brasil, são os usuários desse espaço urbano como um local de trabalho, mas nem por isso são vistos como um grupo social de trabalhadores que representam uma resistência, por ocuparem de forma indesejável aos olhos dos agentes fiscalizadores um espaço público urbano que é extremamente estratificado e regulado por mecanismos violentos de punição aos que tentam quebrar as regras estabelecidas.

---

<sup>38</sup> Renata, comerciante informal, migrante do Estado da Paraíba, em entrevista concedida, 05/12/2021. Os nomes reais dos interlocutores foram alterados.

Contudo, o fato de que o Município não possui nenhum tipo de política de acolhimento ou de geração de renda voltado para os que vêm “de fora” acaba por favorecer uma alta oferta de mão de obra daqueles que são os mais vulneráveis e ficam limitados às oportunidades no mercado de trabalho que é extremamente competitivo, excludente e seletivo. Eis um modelo típico que representa o avanço da política liberal no Brasil, tem-se o impasse: ao mesmo tempo em que existe uma “reserva” de mão de obra móvel, não empregável, esses indivíduos, os "disponíveis" não são, apesar disso, imediatamente recrutáveis (Castel, 2010, p.118).

Desse modo, o artigo expôs algumas situações que foram encontradas no trabalho de campo pesquisado sobre o lugar social do migrante na sociedade brasileira, que apesar de estarem situados nas franjas marginais, em condições de trabalho precárias e sem nenhuma proteção social configura-se em um modelo de ruptura social no espaço urbano que é descrito aqui como “ a expressão dos diferentes interesses dos grupos presentes num dado campo social” (Valpassos, 2018, p. 307). Ao quebrar as regras sociais desse espaço “organizado” por estruturas de poder já estabelecidas, inicia-se o drama social que não tem fim, o que instiga a continuar investigando as situações que se desenrolam no mundo social dos trabalhadores migrantes.

#### **REFERÊNCIAS:**

- BERINGUY, Adriana; BRITO, Alessandra; LINO, Cimar, PEREIRA; Lino, PEREIRA; LOPES, Ricardo. Indicadores IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE,, 2012 - 2020.
- BOURDIEU, Pierre. Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- CARDOSO; IANI. Fernando Henrique, Octávio. Cor e mobilidade social em Florianópolis. Aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil Meridional. Companhia Editora Nacional São Paulo, 1960.
- CAVALCANTI, Leonardo. in: CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antonio Tadeu; TONHATI, Tânia (Orgs.) A Inserção dos Imigrantes no Mercado de Trabalho Brasileiro. Brasília: Cadernos do Observatório das Migrações Internacionais, 2014.
- CASTEL, Robert. As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. Petrópolis, RJ Ed. Vozes, 2010.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. Artes de Fazer. Editora: Vozes. 6ª edição. Petrópolis, 2001.

DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter *anthropological blues*. In: Boletim do Museu Nacional. n. 27, Rio de Janeiro, 1978.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro - 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ELIAS & SCOTSON, Norbert, John L. Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Editora Zahar, 1ª edição, 2000.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: A Interpretação das Culturas. 1 ed., 13 reimpr., Rio de Janeiro: LTC, 2008, p.3-21.

JACOBS, Jane. Morte e Vida de Grandes Cidades. UFMG, Martins Fontes, São Paulo, 2014.

JUNIOR, Aloisio C.; OLINTO, Roberto; TOBLER, Rodolpho. A informalidade vista por outra ótica: os dois mundos do mercado de trabalho. 19 nov 2022, disponível via link: [A informalidade vista por outra ótica: os dois mundos do mercado de trabalho | Blog do IBRE \(fgv.br\)](#)

LEFEBVRE, Henri. A cidade e a divisão do trabalho, Conclusões Gerais, in Lefebvre, Henri. O pensamento marxista e a cidade. Lisboa: Editora Ulisseia, s /d.\_\_\_\_\_ O direito à cidade. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Editora Centauro, 2006.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. In: Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, SP, Brasil, 1981, p. 7-29.

PINHEIRO-MACHADO. Rosana, Ana Luiza Carvalho. A Garantia *Soy yo*: etnografia das práticas comerciais entre camelôs e sacoleiros nas cidades de Porto Alegre (Brasil) e *Ciudad del Lest* (Paraguai). Dissertação apresentada no programa de pós-graduação em antropologia social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de mestre. Porto Alegre, 2004.

PEIXOTO, Paulo. Desafios à cultura urbana no contexto das economias das experiências e das narrativas interativas, In Estudos em Homenagem ao Prof. Doutor

Aníbal de Almeida, ed. Antón Catarina no roteiro das diásporas: os novos imigrantes africanos em Florianópolis. Revista Katálisis [online]. 2018, v. 21, n. 02 [Acessado 20 Março 2022], pp. 281-292. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-02592018v21n2p281>>. ISSN 1982-0259. <https://doi.org/10.1590/1982-02592018v21n2p281>.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da, ECKERT, Cornélia. Antropologia da e na cidade, interpretações sobre as formas da vida urbana. Porto Alegre. Marcavisual, 2013.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito, 1903. Mana vol. 11, n. 2, Rio de Janeiro. Oct. 2005.

\_\_\_\_\_. Georg. O estrangeiro. RBSE. Vol. 4, nº 12, dezembro de 2005, ISSN 1676-896526.

SIMÕES, A; HALLAK NETO, J; CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; MACEDO, M. Relatório RAIS. A inserção socioeconômica dos imigrantes no mercado de trabalho formal. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2019.

\_\_\_\_\_. Dramas, campos e metáforas: Ação simbólica na sociedade humana. Niterói: EdUFF, 2008. io José Avelãs Nunes, Luís Pedro Cunha e Maria Inês de Oliveira Martins, 821 – 839. Coimbra: Coimbra Editora, 2012.

SAYAD, Abdelmalek; A imigração ou os paradoxos da alteridade. Prefácio: Bourdieu, Pierre, tradução Cristina Muracho, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SPECK, Jeff. Cidade Caminhável, São Paulo, Ed. Perspectiva, 2017.

SILVA, Karine de Souza, SILVEIRA, Henrique Martins da e MULLER, Juliana. Santa TURNER, Victor. *The anthropology of performance*. New York: PAJ Publications, 1987.

\_\_\_\_\_. Victor; BRUNER, Edward M. *"The anthropology of experience*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1986.

VALPASSOS, Carlos Abraão Moura. Abortos: dramas sociais e histórias sobre eles. 1ª ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2018.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). A aventura sociológica. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

VOGEL, Arno, MELLO, M. Antônio da Silva, Santos, C.N.F. et alii. Quando a Rua vira Casa. A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. Rio, IBAM/ FINEP, 1981.